

## PARA ALÉM DO PRESENTE: CAMINHOS NA EXPERIÊNCIA ARTE EDUCAÇÃO DA CONTEMPORANEIDADE

GIULIANNA PICOLO BERTINETTI<sup>1</sup>; LAUER ALVES NUNES DOS SANTOS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [bertinettigiuliana@gmail.com](mailto:bertinettigiuliana@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [lauer.ufpel@gmail.com](mailto:lauer.ufpel@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada é desenvolvida dentro do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas (PPGAV/UFPEL), incorporando-se a linha de pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética, sob o título “De que matéria é feita a arte: atravessamentos sobre a experiência arte-educação na contemporaneidade”. Buscando construir o processo de mediação entre a arte, o cotidiano e a sociedade, procura-se dar luz o papel social do processo criativo da arte como importante componente do desenvolvimento coletivo. Revisitando as práticas de socialização artísticas dos movimentos de vanguarda, coloca-se o caso dos Domingos de Criação como ponto de partida para a investigação teórica. Tais manifestações ocorreram tendo como palco a educação e a democratização de seu conhecimento, que transformaram espaços comuns em território de emoções e sentidos através do material e do ideal.

Nos Domingos de Criação a arte surge como peça fundamental ao compor a cultura. Sendo esta resultado de uma experiência, está relacionada diretamente ao território em que se insere, ao meio que tangencia. Ao ser concebida, torna-se a expressão dos sentidos e emoções interpretadas, “[...] produto da interação contínua e cumulativa de um eu orgânico com o mundo” (DEWEY, 2010, p. 18). Coloca-se, sobretudo, como elemento cultural que constrói territórios e identidades, com grande potencialidade na quebra de conflitos excludentes, considerando sua ampla atuação na percepção das diferenças sociopolíticas.

O apelo à criatividade que surge na narrativa do crítico Frederico de Moraes, idealizador das manifestações, é pautado pela importância que o mesmo a dava como instrumento político na construção social. A criação no campo lúdico traria à tona o personagem para seu contexto, e não mais deveria ser restrita aos afortunados que trariam o “dom” desde o princípio. Na aspiração utópica do desejo de construir uma nova imagem da sociedade, cada vez mais participativa, Moraes aponta:

A arte é de todos, é um bem comum do cidadão, um patrimônio da humanidade [...] Democratizar a arte não é aumentar o número de proprietários de obras de arte, mas colocar o público diretamente no processo de criação. Uma das ideias motoras dos Domingos de Criação era a de que a criação não está restrita às atividades dominicais. Ela pode e deve ser desenvolvida em tempo integral, em casa ou no trabalho, no lazer e nas atividades produtivas [...] como participamos da vida política e social. Estimulando a criação, vamos libertando o homem - e a própria arte, que não está restrita aos museus” (in GOGAN, 2017, p. 240).

A construção de valores comunitários, a partir do conjunto de princípios individuais que se mesclam, promovem o fomento e o fortalecimento do exercício da cidadania. O estímulo à condição de cidadão fortalece o equilíbrio do território

em questão, manifestando-se através do respeito à pluralidade, a concepção da empatia e o desenvolvimento intelectual no campo social, a valorização do espaço enquanto meio material de ocupação no campo ambiental e também constitui-se elemento do processo de desenvolvimento econômico. Interrelacionam-se na construção dos direitos básicos do indivíduo: a educação, saúde e segurança pública

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa permeia os campos teóricos e práticos, partindo da análise das manifestações imaginárias em um contexto real para que se construa o direito ao desenvolvimento da sociedade através da educação. A inversão da lógica nos territórios que produzem a arte, ao trazer a esfera pública como cenário principal, se faz essencial na construção de um novo educar artístico, alcançando a plenitude da expressão da liberdade, criatividade e cidadania.

Ao voltar os olhos ao meio social, tem-se como base a investigação bibliográfica e qualitativa no campo da sociologia e da antropologia, buscando entender como a narrativa teórica reverbera e é também produto da prática social. Revisitar movimentos artísticos do passados para entender como transmiti-los no presente também torna-se essencial nesse processo. Para isso, tem-se como centro dos estudos a experiência pioneira no país que colocou a arte enquanto ferramenta de educação, os Domingos de Criação, que também são referência na produção de um projeto prático de experimentação com todo apelo à criatividade.

No seu entendimento enquanto elemento fundamental na construção da educação coletiva, apoia-se na narrativa de Ana Mae Barbosa, onde a arte é lida “[...] como uma linguagem aguçadoura de sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem” (BARBOSA, 2009, p. 22). Trata-se de, ao colocá-la em contato com o público, conduzi-la como ferramenta de construção de pontes que ligam o singular ao todo, reinventando a identidade coletiva com a quebra de paradigmas excludentes, buscando a comunhão da experiência entre todos e o todo.

No âmbito prático, coloca-se a relevância do inserir a arte-educação produto da pesquisa dentro de determinados espaços de gestão e agrupamento coletivo, buscando assim entrelaçar a crítica ao que é hoje colocado em prática. As frágeis e enfraquecidas manifestações e reinvenções das temáticas pouco conseguem conter o movimento de desmonte das políticas socioculturais que covardemente ferem a sociedade. Busca-se repensar o que é e para que é a arte do nosso tempo, refletindo como Frederico de Moraes em meio ao presente dos Domingos:

“[...] a arte não se distingue mais, nitidamente, da vida e do cotidiano. A vida que bate no seu corpo - eis a arte. O seu ambiente - eis a arte. A vida intrauterina - eis a arte. A suprassensorialidade - eis a arte. Imaginar - eis a arte. O pneuma - eis a arte. A apropriação de objetos e áreas - eis a arte. O puro gesto apropriativo de situações humanas ou vivências poéticas - eis a arte” (in SEFFRIN, 2001, p. 118).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Portanto, ao tecer a construção do papel social da arte, que é alcançada pela educação - e aqui não tratando-se somente do conceito fechado e didático, mas sim na noção ampla da vida -, entendemos como ela é instrumento fundamental na luta por uma sociedade mais democrática. Aproximá-la da esfera

pública torna-se indispensável. Para Ana Mae Barbosa (1998, p.18) “uma das funções da arte educação é fazer a mediação entre a arte e o público [...] entretanto, poucos museus e centro culturais fazem esforço para facilitar a apreciação da arte.” Propõe-se então trazer a arte para a rua, que para Marc Augé torna-se território quando há construção coletiva desse determinado espaço (AUGÉ, 2011).

Levamos a ela os elementos chaves do processo de educação: aqueles que o fazem, os educadores. As práticas de socialização têm pontapé inicial na vida dos indivíduos na própria escola, que vem sofrendo cada vez mais com o sucateamento da estrutura e do ensino. Ao inseri-los no contato contínuo com a arte e as experiências que ela provoca, tornam-se fragmentos importantes do processo da reconstrução e fortalecimento do todo. Colocar como foco as instituições públicas, especialmente em uma cidade como Pelotas, que ainda é cenário de tantos contrastes sociais, é fundamental.

Dessa maneira, busca-se entender qual o papel social da arte, sobretudo da socialização de sua produção, partindo da prática de projetos didáticos que busquem reverbera-la e dissolvê-la no espaço da cidade. O ato criador, sendo síntese de inúmeros processos cotidianos, pode ser enraizado na educação, impulsionado pelo estar criativo que a arte proporciona. Distanciada pela lógica capitalista, ela segue sendo bem comum da humanidade, exercendo papel político e histórico. Assim sendo, a busca pela imersão do coletivo no ensino da arte é fundamental para colocá-la como composição da linguagem de comunicação e instrumento de humanização do homem.

#### 4. CONCLUSÕES

Assim sendo, essa pesquisa busca resgatar os ideias de Moraes na construção de uma educação artística, afim de entender os processos de socialização da arte e como ela pode se colocar como instrumento de desenvolvimento social. Apoiando-se na dimensão coletiva da construção do fato artístico, busca-se uma resposta a como os valores que constroem a obra - sociais, estéticos, morais, políticos ou qualquer outro concebido através da experiência material e ideal - manifestam-se no contexto coletivo durante sua produção e na construção de um novo território público.

Portanto, a arte coloca-se não como feito episódico, e sim como um processo contínuo, onde a ação “criar” assume papel de instrumento de desenvolvimento humano. O Domingos é experiência precursora e única no país, colocando o antes espectador, distante e de pouco contato, como protagonista da arte. A abordagem vai de encontro a resposta de como podemos promover a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, mediante o crescimento de tantos processos que vão de encontro ao seu antagônico. Os caminhos que atravessam a experiência na arte-educação são inesgotáveis, e há o entendimento que no processo de construção desse estudo não há uma ordem estática, e sim um constante movimento no encontro a novos entendimentos.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, M. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 2001.

BARBOSA, A. M. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (Orgs.) **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GOGAN, J. e MORAIS, F. **Domingos de Criação: uma coleção poética experimental em arte e educação**. Rio de Janeiro: Instituto MESA, 2017.

MORAIS, F. Do Corpo à Terra. In: SEFFRIN, S. (org.). **Frederico de Moraes**. Rio de Janeiro: Funarte, 2001.